



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Recebido por Volodymyr Zelensky em Lviv, Recep Tayyip Erdogan expressa preocupação com a situação na usina de Zaporizhzhia, ocupada pelos russos, e fecha acordo para a reconstrução do país. Chefe da ONU defende solução negociada

Apoio turco à Ucrânia

Num momento de grande proximidade entre Ancara e Moscou, o presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, externou, ontem, um firme apoio à Ucrânia, invadida pela Rússia há quase seis meses. Recebido pelo líder ucraniano Volodymyr Zelensky, em Lviv, Erdogan expressou sua preocupação com a situação na usina nuclear de Zaporizhzhia, ocupada por tropas russas e alvo de bombardeios. No encontro, com a participação do secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, os dois presidentes assinaram acordo para a futura reconstrução do país ao fim da guerra.

"Enquanto continuamos com nossos esforços para encontrar uma solução (para o conflito), nos mantemos do lado de nossos amigos ucranianos", disse Erdogan após reunião com Zelensky. Ele classificou a iniciativa do colega turco como uma "forte mensagem de apoio, vinda de um país tão poderoso".

Zelensky descartou qualquer acordo com o Kremlin sem a retirada prévia das tropas russas. "Pessoas que matam, estupram, bombardeiam civis todos os dias em nossas cidades com mísseis de cruzeiro não podem querer a paz", declarou ele, depois que Erdogan garantiu que a Rússia estava "pronta para algum tipo de paz". "Primeiro, (os russos) devem sair do nosso território. Depois, veremos", disse Zelensky.

Desde a invasão russa da Ucrânia, em 24 de fevereiro, Erdogan se estabeleceu como mediador. Embora condenasse a ofensiva, ele tentou permanecer neutro e se recusou a aderir às sanções impostas pelos países ocidentais contra Moscou. Há duas semanas, inclusive, o turco se reuniu em Sochi, (sul da Rússia) com o presidente russo, Vladimir Putin, com quem concordou em fortalecer a cooperação econômica entre os dois países.

Suicídio nuclear

Como Erdogan, António Guterres se declarou "profundamente preocupado" com a situação no complexo de Zaporizhzhia, no sul da Ucrânia, ocupada por tropas russas desde março e alvo de bombardeios. "Devemos dizer as coisas como são: qualquer dano potencial a Zaporizhzhia seria suicídio", alertou o secretário-geral das Nações Unidas, que voltou a defender uma saída negociada para o conflito.

Zelensky pediu à ONU que garantisse "a segurança desse local estratégico" e acusou a Rússia de realizar uma política de "terror deliberado" que poderia ter "consequências catastróficas para o mundo inteiro". Moscou e Kiev vem se acusando mutuamente pelos ataques à usina nuclear.

A Ucrânia garante que a Rússia armazena armas pesadas na central, a maior da Europa, e que de lá bombardeia posições ucranianas. Também acusa as tropas russas de disparar contra setores da usina para atribuir esses bombardeios à Ucrânia. "Não queremos outra Chernobyl", ressaltou Erdogan, referindo-se ao pior da história nuclear civil, em 1986.

Erdogan e Guterres foram os principais intermediários do acordo fechado em julho entre Moscou e Kiev para retomar as exportações de grãos através do Mar Negro. Cerca de 20 milhões de toneladas foram bloqueadas nos portos da região de Odesa pela presença de navios de guerra russos e minas colocadas por Kiev para defender sua costa.

No campo de batalha, os combates continuaram intensos. A Ucrânia relatou pelo menos seis mortos e 25 feridos no bombardeio russo a Kharkiv (nordeste). Na véspera, a cidade já havia sido alvo de ataques, nos quais 13 pessoas morreram.

AFP



Erdogan, Zelensky (C) e Guterres na mesa de negociações, observados por assessores: pacto de paz condicionado à saída dos russos

Ed Alves/CB/D.A Press



General vai investigar explosão em área controlada por Moscou

AFP



Cercado por policiais, Allen Weisselberg (C) deixa o Tribunal Criminal de Manhattan: 15 acusações

Letitia James. Foi nesse contexto que o ex-presidente teve que depor sob juramento na semana passada. No entanto, ele se negou a responder às perguntas amparado na 5ª Emenda da Constituição americana, que permite não testemunhar contra si próprio.

FBI

Em outro caso, a residência

Santos Cruz lidera missão

Ele comandou duas missões de paz da Organização das Nações Unidas, a Minustah, e a Monusco, na República Democrática do Congo, na África. Convidado pelo secretário-geral da ONU, António Guterres, o general brasileiro Carlos Alberto Santos Cruz terá a tarefa de liderar uma missão de apuração sobre a explosão no Centro de Detenção de Olenivka, na região separatista pró-russa de Donetsk, no leste da Ucrânia. Pelo menos 40 prisioneiros de guerra morreram no incidente, a maior parte deles integrantes do Batalhão de Azov.

"Eu tomei conhecimento agora de que o secretário-geral

da ONU considerou o meu nome para cumprir uma tarefa na Ucrânia. Eu fico muito honrado e tenho a certeza de que os companheiros que irão também ser selecionados pelas Nações Unidas são pessoas da mais alta qualidade. Isso é uma grande garantia para o nosso trabalho, para que possamos ter um resultado positivo sobre o assunto que vai ser tratado", declarou Cruz à agência ONU News.

O general Santos Cruz também ganhou notoriedade ao produzir um relatório, conhecido como *Santos Cruz Report*, no qual analisou o funcionamento das missões de paz pelo mundo.

Guterres oficializou o convite durante entrevista ao lado dos presidentes Volodymyr Zelensky (Ucrânia) e Recep Tayyip Erdogan (Turquia). Em seu pronunciamento, o secretário-geral da ONU destacou a competência do brasileiro, a quem chamou de "um oficial respeitado com mais de 40 anos de experiência militar e em segurança nacional e internacional, inclusive como comandante de missões de paz".

Segundo Guterres, a missão deverá ser livre para descobrir o que ocorreu na noite de 29 de julho, em Olenivka. Ele destacou que a equipe terá o poder de recolher e analisar toda a informação necessária.

ESTADOS UNIDOS

Executivo de Trump admite sonegação

Ex-diretor financeiro da Organização Trump, Allen Weisselberg se declarou, ontem, culpado de sonegação fiscal e selou um acordo pelo qual terá que testemunhar no julgamento contra a empresa, segundo nota divulgada pela Promotoria de Manhattan. O executivo evitou implicar o ex-presidente dos Estados Unidos, de quem é bem próximo, no esquema. "Allen Weisselberg admitiu na corte que usou sua posição na Organização Trump para fraudar os contribuintes e enriquecer pessoalmente", declarou na nota o promotor Alvin Bragg.

Aos 75 anos, o discreto Weisselberg trabalha para os Trump desde 1973. No depoimento de ontem, ele assumiu envolvimento em 15 denúncias de fraude e sonegação de impostos no valor de US\$ 1,76 milhão em renda não declarada entre 2005 e 2021. "Sim, meritíssimo", respondeu reiteradas vezes ao juiz Juan Merchan, do Tribunal Criminal de Manhattan, sobre as acusações.

Weisselberg é acusado pela Justiça de ter aproveitado benefícios em espécie, em particular de

um apartamento em um bairro de luxo de Manhattan, o aluguel de dois carros Mercedes Benz para ele e sua esposa, e de ter recebido dinheiro vivo para suas férias, ocultando tudo do fisco.

"O acordo alcançado com o tribunal vincula diretamente a Organização Trump a uma ampla gama de atividades delituosas e requer que Weisselberg dê um testemunho inestimável no próximo julgamento contra a empresa", assinalou Bragg.

Em julho de 2021, o ex-executivo da Organização Trump havia declarado inocência, arriscando-se a uma pena de até 15 anos de prisão. Segundo o acordo, ele agora poderá passar apenas cinco meses na prisão e terá que pagar US\$ 2 milhões em impostos, multas e juros incluídos, segundo o comunicado à imprensa. O julgamento penal contra a Organização Trump será iniciado em 24 de outubro.

Outra investigação cível sobre as mesmas suspeitas de fraude financeira e fiscal é conduzida pela procuradora-geral do estado de Nova York,

» Alegação de inocência

Hadi Matar, o suspeito de esfaquear o escritor anglo-indiano Salman Rushdie há uma semana, declarou-se inocente, ontem, das acusações de tentativa de homicídio e agressão, em uma audiência em um tribunal no norte do estado de Nova York. Preso logo após o ataque, o suspeito, de 24 anos, repetiu a alegação feita durante uma audiência processual no sábado. A Justiça manteve a prisão de Matar, sem direito a fiança. Com a cabeça baixa, o suspeito vestia um uniforme prisional com listras pretas e brancas na audiência. Ele deverá comparecer perante o tribunal em 7 de setembro. Depois do ataque, Rushdie foi transportado até um hospital próximo, onde passou por uma cirurgia de urgência. O estado de saúde do escritor segue grave, mas ele mostrou sinais de melhora e foi retirado do respirador. Rushdie passou vários anos sob proteção policial após líderes iranianos ordenarem em 1989 aos muçulmanos que o matassem por blasfemar o Islã e o profeta Maomé em seu livro *Versos Satânicos*, publicado no ano anterior.